

Organização

CITCEM/FLUP

Comissão Científica

Comissão Executiva do CITCEM

Comissão organizadora

Carla Sequeira

Joana Lencart

Contactos

CITCEM/FLUP

Tlf: 226 077 177

E-mail: oic.citcem@gmail.com

citcem@letras.up.pt

As *Oficinas de Investigação* do CITCEM têm como principal objectivo o debate, alargado e transdisciplinar, de problemáticas de investigação, no sentido de cruzar questões teóricas e metodológicas e resultados de pesquisa.

As *Oficinas de Investigação* do CITCEM constituem, por isso, um espaço de divulgação e discussão regular de projectos de investigação individuais (teses de mestrado ou doutoramento, projectos de pós-doc, etc.) ou colectivos, dos investigadores e colaboradores do CITCEM, podendo associar investigadores de outros centros ou universidades nacionais e/ou estrangeiras.

Entrada Livre

oiccitcem.wixsite.com/oficinas/citcem

OFICINAS DE INVESTIGAÇÃO CITCEM 22/23

SESSÃO 6

[25.11.22 • 14h30]

Proponentes da sessão

Sofia Alexandre Carvalho

«O museu como força de
resistência e justiça social»

LOCAL: Sala de Reuniões 2 [Piso 2]

PROGRAMA

14h30 APRESENTAÇÃO DAS COMUNICAÇÕES

14h35 *Patrimónios controversos, pensar para aprender* | Rocío Jiménez-Palacios

14h55 *As práticas da Casa da Imagem ao encontro da justiça social: o descanso, o cuidado e a fragilidade* | Inês Azevedo

15h15 *Passados incómodos em museus da resistência ao fascismo: conceitos e experimentações* | Luís Valentim Pereira Monteiro

15h35 *Narrativas expositivas em museus e a (des)construção do racismo em Portugal* | Sofia Alexandre Carvalho

15h55 Debate

16h15 Encerramento

NOTAS BIOGRÁFICAS E RESUMOS

ROCÍO JIMÉNEZ-PALACIOS Doutora em Didática das Ciências Sociais. Licenciada em História. Pós-graduação em Investigação em Ensino e Aprendizagem das Ciências Experimentais, Sociais e Matemáticas. Investigadora no Grupo de Investigação “Formação Inicial e Desenvolvimento Profissional de Docentes” (HUM168, Plano Andaluz de Investigação, Desenvolvimento e Inovação), membro do projeto “Patrimónios controversos para a formação ecossocial da cidadania. Uma investigação de educação patrimonial na educação formal (EPITEC2)” (PID2020-116662GB-I00), financiado por MCIN/AEI/10.13039/501100011033 e RED 14 (RED2018-102336-T) e “Rede de Pesquisa no Ensino de Ciências Sociais”. Faz parte do corpo docente COIDESO “Centro de Pesquisa em Pensamento Contemporâneo e Inovação para o Desenvolvimento Social” da Universidade de Huelva.

Patrimónios controversos, pensar para aprender

A educação tradicional, especialmente a de história, deixou para trás uma forma de memorização de dados e datas que não suscitava o seu questionamento, porém, a sua evolução, a formação do pensamento crítico, o desenvolvimento da capacidade de análise e reflexão, formulam questões que põem em causa “a verdade histórica”. Segundo Estepa, Cuenca e Martín (2021), a educação patrimonial permite o conhecimento, valorização e divulgação do património, mas é fundamental a formação da cidadania. As pessoas estão em contacto contínuo com o património, seja em ambiente urbano, natural ou em museus, sendo, portanto, um importante veículo de ensino e aprendizagem, vinculado a problemas socioambientais relevantes. A relação que as pessoas têm com o património, seja ele identitário ou não, envolve, antes de tudo, conhecer a sua origem, o seu contexto, compreender a sua história e o que emocionalmente une os

cidadãos a ela. A partir daí, provavelmente surgirá a polémica, mas esta não será dicotómica.

INÊS AZEVEDO. Nascida no Porto, em 1980. Artista Educadora, trabalha desde 2000 nas áreas da arte e da educação, tendo colaborado em diversos projetos e com diversas instituições culturais nacionais e internacionais. Coordenadora da Casa da Imagem, da Fundação Manuel Leão, desde 2010. Licenciada em Artes Plásticas-Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (UP). Mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas, na Faculdade de Belas Artes da UP. Mestrado em Ensino de Artes Visuais, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e Faculdade de Belas Artes da UP. Neste momento frequenta o Doutoramento em Estudos do Património – Museologia.

As práticas da Casa da Imagem ao encontro da justiça social: o descanso, o cuidado e a fragilidade

Na iminência de um processo de (re)acolhimento da “Rocha Artes Gráficas” no Museu Casa da Imagem – antiga indústria gráfica com local de habitação que ocupou o edifício onde hoje é o museu – cria-se um momento oportuno para o diálogo e a reflexão entre o passado e o futuro deste projeto museológico. O Museu Casa da Imagem afirma a sua especificidade ao ter sido concebido a partir do contexto das práticas artísticas e da educação/mediação; por encarar o ato de musealizar enquanto gesto de partilha sensível do que se pretende “comum”; por privilegiar o toque e a prática, isto é, o “fazer” e o contacto com a materialidade enquanto processos de participação e de confiança, construtores de relação com visitantes/participantes. No presente, antecipando o futuro, refletise e direcionam-se as práticas museológicas a partir dos conceitos de “lugar de descanso”, de cuidado e de fragilidade na procura de construir um museu enquanto lugar de mediação partilhada, de potência e de justiça social.

LUÍS MONTEIRO. Estudante de doutoramento em Estudos do Património, ramo de Museologia. É licenciado em Arqueologia e tem um mestrado em Museologia. Entre 2015 e 2021, foi deputado no Parlamento português. De volta à Academia, tem-se dedicado à Museologia Crítica e aos Estudos da Memória. Foi curador de várias exposições e dirigiu dois documentários: um sobre a memória da resistência ao fascismo na cidade do Porto, e outro sobre a precariedade do trabalho de investigação em Portugal. Atualmente, desenvolve o seu projeto de doutoramento “Memória e Projeto: Subsídios para um Museu Ativista do Antifascismo no Porto”.

Passados incómodos em museus da resistência ao fascismo: conceitos e experimentações

O tratamento da memória coletiva em torno do antifascismo em Portugal conheceu novos contornos com a criação de museus referentes à temática. O seu aparecimento incluiu o universo da

própria Museologia no debate público sobre o legado do Fascismo e as memórias de quem o combateu. A escolha das antigas prisões políticas enquanto espaço primordial para a sua instalação e a constituição das suas exposições permanentes com o auxílio dos ex-presos políticos constituem alguns dos seus aspetos nucleares. Esses factos convidam-nos a uma reflexão, em primeiro lugar, sobre as representações da violência de Estado e, em segundo lugar, em torno dos conceitos de repressão sobre presos políticos e de resistência a um regime político. Esta comunicação tem como objetivo explorar os vários conceitos em torno da representação dos passados incómodos em museus da resistência ao fascismo no século XX. Para isso, são tomados como exemplos o Museu do Aljube e o Museu Nacional da Resistência e da Liberdade.

SOFIA ALEXANDRE CARVALHO. Doutoranda em Estudos do Património - Museologia, pela Universidade do Porto. Bolseira de doutoramento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), com o projeto “Narrativas (de)coloniais em museus: instrumentos de (des)construção do racismo em Portugal” (2021.05924.BD). Investigadora do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», onde integra e apoia a organização das atividades do Grupo de Investigação “Educação e Desafios Societais”. Assistente editorial da revista MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares. Tem como interesses de investigação a relação entre narrativas museológicas e construção social, em particular, no que diz respeito a temas relacionados com colonialismo, colonialidade e racismo.

Narrativas expositivas em museus e a (des)construção do racismo em Portugal

Decolonizar o museu assume diferentes caminhos e significados, mas implica sempre o reconhecimento da herança colonial da instituição “museu” e falar das repercussões do colonialismo sentidas e vividas na sociedade contemporânea, entre elas, o racismo. Mas qual a relação que uma instituição como o museu pode estabelecer com o racismo contemporâneo? Entendendo os museus portugueses como instrumentos capazes de garantir a manutenção do racismo, e, de igual modo, com o poder de servirem de resistência antirracista, esta comunicação visa apresentar o projeto de doutoramento “Narrativas (de)coloniais em museus: instrumentos de (des)construção do racismo em Portugal”. Alinhado com o apelo internacional pela decolonização do museu, este é um projeto que visa contribuir para posicionar – intelectual, simbólica e pragmaticamente – o museu como um poderoso instrumento para a desconstrução do racismo em Portugal, circunscrevendo o campo de análise às narrativas expositivas dos museus portugueses.